Um Caso da Cabanada[1]

João Marques de Carvalho

[32][2] Pelo São João, fizera Maria treze anos; e os pais haviam decidido que a primeira comunhão se realizasse no Domingo de Páscoa do ano próximo, à missa da festa, na matriz da vila. Padre Constâncio, o vigário, andava então a prepará-la, bondosamente. Todas as tardes, mal terminava a leitura de vésperas, no breviário, lá vinha ele azinhagas adiante, caminho da palhoça dos pescadores. Corria a pequena a recebê-lo, pés descalços, curto o saiote, a face iluminada num sorriso. Sob o cabeção de retalhos, duas pequenas proeminências desenhavam-se, acentuadas em ponta, de cada lado do tórax. Mas o velho sacerdote, que esses dois delicados polos pareciam haver um instante interessado, baixava os olhos com perfeita serenidade.

— Como vai essa força? — inquiria prazenteiro.

Conversava um momento com o casal caboclo sobre assuntos insignificantes; depois, tranquilamente, vinha sentar-se à porta, ao pé do

---

[1] CARVALHO, João Marques de. Um caso da cabanada. In:_. *Contos do Norte*. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014. p. 32-35. [1907]

[2] Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

enorme tamarindeiro, sorvendo uma pitada. E começavam as práticas religiosas.

Maria escutava as explicações do catecismo, os olhos pregados na face do padre, nessa fixidez conturbativa com que as donzelas inocentes encaram os homens.

Muito calmo, ia o vigário repetindo e comentando as frases da Cartilha. Acompanhava-o a caboclinha, a meia voz, a seguir-lhe as palavras, numa grande concentração reveladora do ardente desejo de conquistar, com as boas graças do clérigo, os biscoitos que infalivelmente anunciavam o termo das preleções. Depois, noite cerrada já, erguia-se Constâncio, esvaziava o bolso da sotaina sobre a mesa do copiar e, com uma palavra amável para cada qual, abençoava a rapariga e regressava ao povoado, aspirando novas pitadas. Dos dois lados do carreiro, grilos trilavam monotonamente e, por cima dos arbustos cheirosos, tremeluziam com irrequietas fosforescências os vaga-lumes.

Uma tarde, meses depois, havia recolhido a procissão de Ramos. O adro da matriz regurgitava de gente endomingada. Toda a população seguira, há pouco, o palio venerando, cujas varas o juiz de direito, o presidente da edilidade, o promotor e o delegado de polícia empunhavam orgulhosamente.

Sabia-se já que rebentara na capital o movimento da cabanada. Canoas, tripuladas por valentes remadores, haviam trazido, com inúmeros fugitivos, a nova da revolução tremenda. E os pormenores, exageradamente

relatados pelos brancos, tinham demovido o vigário Constâncio e as autoridades a um **[33]** redobramento de pompa nas festas da Semana Santa, a ver se Deus fazia passar a vila imune do ataque dos cabanos.

A tarde caía em doce esvaimento por trás da floresta. Deslizava tranquilo o rio, espelhando nuvens preguiçosas. Havia por toda a parte o tom suave das cores vespertinas, diluídas na fluidez das sombras incipientes. Apenas do outro lado, na margem oposta, um derradeiro raio do sol enrubescia o areal da praia, sobre o qual um bando de gaivotas revoava, crocitando.

A vila em peso acudira à solenidade, atraída pelo repique jovial dos sinos. Por entre as portas escancaradas vinham de junto do altar-mor adocicadas emanações de turíbulos; o fumo azulado do incenso evolava-se muito sutil para o alto, como a imagem das aspirações gerais. E as mulheres, lá dentro, oravam contritas, duplicando as preces ao céu, que não viessem os cabanos trazer até acolá as infâmias cuja narrativa era bastante para levantar-lhes os cabelos apavoradamente.

A súbitas, um murmúrio na matriz anunciou que ia começar o sermão. Houve no adro um movimento de refluxo; afinal, mais ou menos toda gente penetrou na igreja. Raros homens ficaram saboreando as últimas cachimbadas nos rechinantes taquaris de Cametá. Um minuto depois, ereto no púlpito, pálido na alvura engomada da sobrepeliz de rendas, padre Constâncio dominava o auditório com a singeleza da sua palavra despretensiosa.

Apareceu então na praça que antecede o adro um grupo de homens desconhecidos: quatro caboclos de fera catadura olhavam para tudo e para todos, como se visitassem a localidade pela vez primeira. Buscavam, tanto quanto possível, que ninguém os visse; e auxiliava-os a gosto uma grande moita de carrapateiros, aí deixados pela foice descuidosa dos capinadores municipais ou pelo capricho do sacristão, que era o superintendente do asseio do sítio.

Ia vindo a noitinha. O céu fizera-se antes da cor da pérola, mas a pouco e pouco ensombrava este matiz com as tintas da sua palheta noticolor. Tauxiações indecisas de estrelinhas palpitantes picavam-se aqui e ali, na sombria abóbada. Volitavam auras fagueiras e, por toda a parte, invisíveis insetos zumbiam. Só o areal da praia fronteira estendia pela orla da floresta um listrão claro, como se houvesse absorvido e conservasse o quente rubor do raio de sol que estivera a mordê-lo pouco antes.

De repente, estrondou um tiro no adro; a chama cintilou com viva fulgência no crepúsculo expirante. Um dos caboclos avançava, já afoito, do meio dos carrapateiros. Na matriz, foi um só o pressentimento geral: os cabanos! Padre Constâncio quase desmaia no púlpito, muito pálido, sem voz. E nem **[34]** desvanecido estava o sobressalto da primeira surpresa e já toda gente pensava em correr a casa e encerrar-se. Mulheres levavam as mãos à cabeça, chamando os filhos, gemendo de mansinho umas, lamentando-se outras em altos gritos. Uma consternação! Pensar na resistência ninguém poderia fazê-lo. A vila, bonacheirona, confiara ao céu a tarefa de a livrar dos rebeldes: entre todos os habitantes não seria fácil encontrar e reunir mais de meia dúzia de espingardas. Que calamidade! Deu-se, então, por todos os lados, uma desordem: os atropelos, a algazarra dos grandes pânicos.

Buscava-se a porta principal com frenesi. No entanto, a afluência do povo formara uma coluna espessa, demasiado larga, e não tardaram as compressões. Crianças e mulheres estertoravam sob o sapateio dos fugitivos. Do adro vinha a grita dos cabanos, já senhores da localidade.

Tremendo então pelas suas amadas ovelhas, sopesando a responsabilidade em que incorrera, padre Constâncio deixou-se cair genuflexo e levantou as mãos, do lado do altar, com desvairado fervor.

Os cabanos tinham vindo por terra surpreender a vila em plena festa de Ramos. Guiara-os pelo mato o Mané Xico, o inimigo do juiz de direito, ficando no furo da Jararaca, a duas milhas de distância, as numerosas canoas da expedição rebelde.

Quando os primeiros fugitivos saíram para o adro, já a praça contígua estava ocupada pelos cabanos, em número superior a duzentos, muito bem armados. Capitaneava-os o Borba, feroz caudilho que Angelim distinguira como chefe das operações naquelas bandas. Este indivíduo votava profunda ojeriza ao vigário: jamais lhe perdoaria a reprimenda com que, um ano antes, o fulminara, em Curralinho, por ter esbofeteado a própria mulher. Que belo ensejo, então, para pregar-lhe uma peça! Chamou o seu lugar-tenente e mandou buscar o padre.

Veio logo o sacerdote, com a sobrepeliz amarrotada, a estola do avesso, todo ele tremendo como a sururina moribunda.

— Ora passe p'ra 'qui, seu fradalhão! — gritou-lhe o Borba, mal o avistou entre dois cabanos, ameaçadoramente armados de clavinotes. E

logo ordenou que fossem buscar também a Mariazinha, filha do pescador Sabá.

Quatro grandes fogueiras, acesas por ordem do chefe, iluminavam o recinto. Ninguém mais ousara fugir; o povo agrupava-se pelo adro e pela praça, em recolhida atitude, quase sem movimentos, temeroso da morte. Eram tão maus os cabanos! Havia pelos grupos feminis silenciosos soluços. Lancinante quadro, em verdade e por ele é que o ancião chorava também perdidamente.

— Faça-me sofrer — exclamou — porém não persiga esta boa gente!

[35] — Cale a boca, idiota! — respondeu-lhe o Borba, num meio sorriso que a todos apavorou mais do que a maior das ameaças.

Entretanto, acercava-se um troço de rebeldes, trazendo consigo Maria, discípula de Constâncio. Que vinha por seus pés quase não se poderia afirmar, pois era ao colo que o mais espadaúdo caboclo a conduzia, semimorta de medo.

Borba tomou petulante atitude, cofiando as raras repas do bigode falho, sempre a sorrir. Ordenou:

— Padre Constâncio, passe à frente!

Arriscou o sacerdote algumas pernadas trôpegas.

— Aqui, ao lado da Mariazinha — tornou a dizer o chefe.

Constâncio aproximou-se.

— E agora — intimou o caudilho — se quiser, dê um beijo na cunhantã. Eu sei que você gosta dela. Pois despeça-se!

E, voltando-se para os companheiros, explicou em voz fortíssima:

— Deliberei repudiar a víbora de minha mulher, amigos, e casar-me com outra rapariga. Convido-os para assistirem à cerimônia que padre

Constâncio, bem contra vontade, celebrará agora mesmo. A igreja está preparada e a noiva é esta!

E designava a mimosa discípula do padre, cuja primeira comunhão fora marcada para o próximo domingo.

Não pôde o povo dominar uma exclamação de surpresa e repugnância. Ao que logo retorquiu o cabano:

— Que ninguém arrede daí. O sossego é a condição da vida dos habitantes da localidade.

E tomando a caboclinha nos braços, levou-a para o templo. Constâncio, barafustando, protestava aos gritos, arrastado por dois sicários.

O desenlace do caso é evidente: recusando-se a satisfazer ao sicário, o padre foi assassinado sobre os degraus do altar. Mas nem por isso a cheirosa e inocente Mariazinha deixou de ser, de então em diante, a concubina do caudilho, que a violou ali mesmo, na sacristia.

Só por tal preço os cabanos abandonaram a localidade na manhã seguinte.

Ficha técnica

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga
Preparação: Malu Schocair
Comunicação Digital: Rebeca Riga
Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra
Biblioteca digital de narrativas obscuras brasileiras

